

Primo Levi: um sobrevivente da barbárie

Doutoranda. Joselaine MEDEIROS (PUCRS)

RESUMO: *A literatura de testemunho nasce de uma experiência de ruína, decorrente de um contexto marcado pela opressão e pela violência. É a voz, quase inaudível, dos sobreviventes da Shoah a única esperança e luta contra a morte. Eles têm, portanto, a difícil tarefa de rememorar a tragédia e enlutar os mortos. O autor italiano Primo Levi é um dos sobreviventes e sentiu a necessidade de narrar a barbárie, tentando enfrentar a dor para que Auschwitz e a História não caíssem no esquecimento.*

Palavras-chave: totalitarismo, barbárie, campos de concentração, Primo Levi

Introdução:

Esta comunicação visa discutir e refletir sobre a Literatura de Testemunho, sobretudo a produzida pelo escritor italiano Primo Levi, sobrevivente de Auschwitz. Para se entender a experiência do autor nos campos de concentração, é necessário se reportar para o contexto do século XX europeu, visto que, como afirma Eric Hobsbawn (1995), foi nesse período que houve um sentimento de violência e destruição como jamais fora possível conceber na História. No regime nazista, o terror totalitário não se contentava somente com a eliminação da oposição interna, queria, sim, dizimar todo e qualquer foco de resistência. Daí a criação das “fábricas de morte”, que reduziam o ser humano a uma pilha indistinta de cadáveres.

Primo Levi permaneceu quase um ano no complexo de Auschwitz, passando inúmeras dificuldades, como fome, sede, exaustão, ou seja torturas físicas que deixavam seu corpo em frangalhos. Além dessas, havia as torturas psicológicas, ainda mais devastadoras, pois levavam os prisioneiros à loucura e à morte. As obras de Levi revisam criticamente a época do nazismo, tentando mostrar uma História esquecida, soterrada junto com os escombros. Dessa forma, possibilitam que o leitor construa uma postura crítica, encarando o problema em dupla perspectiva - com um olhar para o passado, procurando reavaliar as experiências já conhecidas, e com uma postura renovadora, olhando para o presente, tentando superar as limitações históricas e pensando criticamente sobre os acontecimentos sociais e políticos a sua volta.

O desvelamento da barbárie:

No cenário político do século XX, surgem governos que mantêm uma estrutura totalitária, não só detendo o monopólio sobre as armas, a economia e a imprensa, como também implantando uma ideologia de Estado oficial, com auxílio de uma polícia secreta para controlar as ações dos indivíduos.

Nesse contexto de repressão, os escritores enfrentam muitos problemas, uma vez que há um rígido controle da produção literária. Esse controle é feito pelos órgãos de censura institucionalizados, que usam a ameaça e própria censura para impedir que determinadas obras sejam veiculadas, bem como apreendem materiais já publicados. Há, desse modo, um grande hiato entre o que é admitido ou permitido expressar na sociedade e o que, por diversas razões, é recusado ou expressamente proibido.

O sucesso dos regimes totalitários significou o fim da ilusão de que o povo participava ativamente do governo. O totalitarismo soube manipular as massas, através de propagandas e de uma espécie de doutrinação ou “lavagem cerebral”, moldando-as de acordo com o seu interesse. Em vista disso, “a sociedade foi arrancada de sua forma, remodelada conforme o projeto ideológico” (Besançon, 2000 p. 20). Os nazistas não pouparam os negros, ciganos, homossexuais, doentes mentais e judeus, aplicando severas punições. Eles consideravam, por exemplo, os judeus focos de infecção, dando margens para a realização de uma operação de desratização. Com isso, foi possível a criação dos campos de concentração, que degradavam o ser humano, a tal ponto de não ser mais humano, e sim um número, sem identidade e sem vida.

A literatura de testemunho nasceu, portanto, dessa experiência de ruína e de morte, causada pelo Estado autoritário. Os sobreviventes da Shoah¹ tiveram a difícil tarefa de rememorar a tragédia e enlutar os mortos. Isso para que a História de Auschwitz não caísse no esquecimento. Então: qual poderá ser o papel da palavra na difícil tarefa de reconstruir uma reflexão da condição humana, que emerge dos escombros do pós-guerra?

¹ O estudioso Márcio Seligmann-Silva prefere substituir o termo holocausto pelo hebraico Shoah, que significa catástrofe, destruição e aniquilamento. Roney Cytrynowcz costuma usar termos como: genocídio e extermínio. “O termo holocausto, embora consagrado pela historiografia, tem uma conotação de sacrifício, de imolação em chamas, como se os judeus tivessem se sacrificado em nome de alguma coisa. Nada mais equivocado do que dar qualquer sentido religioso ao genocídio praticado pelos nazistas” (Cytrynowcz, 1991 p. 14).

Vem à tona a relevância de se refletir sobre articulação entre a linguagem e essa experiência da barbárie, visto que aquele que testemunha depara-se com a ausência de palavras capaz de expressar a experiência. Diante desse horror, desponta a hipótese, de que não há possibilidade de expressar com palavras o ocorrido nos campos de concentração. Assim, a palavra que antes era um elemento humanizante, uma vez que era portadora de uma memória e de uma esperança, silenciou-se. Como se deve encarar a palavra na sua condição-limite? Há uma cisão entre a linguagem e o evento, tanto que Seligmann-Silva (1999) ressalta que o dado inimaginável da experiência concentracionária destrói o maquinário da linguagem. Em decorrência disso, essa linguagem trafegará por uma área de sombras, de ausências e de silêncios. Nesse caminho, há um entrecruzamento, entre a necessidade e a impossibilidade.

A literatura de testemunho se articula: de um lado, a necessidade premente de narrar a experiência vivida; do outro, a percepção tanto da insuficiência de linguagem diante dos fatos (inenarráveis) como também – e com sentido muito mais trágico – a percepção do caráter inimaginável dos mesmos e da sua conseqüente inverossimilhança (Seligmann-Silva, 2003 p. 46).

Nos primeiros documentos, escritos após Auschwitz, esse caráter inverossímil era mais saliente, pelo fato dos relatos serem tão realistas, que causavam uma sensação de descrédito e estranheza nos ouvintes e nos leitores. Há uma dualidade: os relatos eram tão reais para os sobreviventes, que quase se tornavam irreais para os que não passaram pela experiência, não os compreendendo. Por isso, os sobreviventes diziam: “quem não esteve lá jamais vai poder entender o que foram os campos de concentração”.

A experiência da Shoah gera naquele que testemunhou um sufocamento, um desconforto, como se pode notar nas frases de Robert Antelme (Cult, 1999), ao se reportar para a sua experiência de prisioneiro:

Há dois anos, durante os primeiros dias que sucederam ao nosso retorno, estávamos todos, eu creio, tomados por um delírio. Nós queríamos falar, finalmente ser ouvidos. Diziam-nos que nossa aparência física era suficientemente eloqüente por ela mesmo. Mas nós justamente voltávamos, nós trazíamos conosco a nossa memória, nossa experiência totalmente viva e nós sentíamos um desejo frenético de contar tal qual. E desde os primeiros dias, no entanto, parecia-nos impossível preencher a distância que nós descobrimos entre a linguagem que nós dispúnhamos e

essa experiência que, em sua maior parte, nós nos ocupávamos ainda em perceber nos nossos corpos. Como nos resignar a não tentar explicar como nós havíamos chegado lá? E, no entanto, era impossível. Mal começávamos a contar e nós sufocávamos. A nós mesmos, aquilo que nós tínhamos a dizer começava então a parecer inimaginável.

Essa experiência é compartilhada por Primo Levi, um judeu, pertencente a uma família com boas condições financeiras. Ele nasceu em Turim, em 1919, formou-se em Química um ano depois da Itália ter entrado na guerra ao lado de Hitler. Em 1943, Levi juntou-se a um grupo de resistentes à invasão alemã do norte da Itália. Foi preso e, no início de 1944, partia em um comboio rumo a Auschwitz. Lá ele permaneceu 11 meses e sobreviveu ao campo de extermínio, devido aos seus conhecimentos de química, à necessidade de mão-de-obra e à generosidade de um trabalhador italiano, que lhe conseguia um suplemento de sopa.

Após a libertação e o longo percurso de volta para casa, o autor exerceu sua função de químico, mas havia um vazio em seu coração: sentia necessidade de escrever. Dentre as suas obras, destacam-se: **É isto um homem?**, **A trégua**, **A tabela periódica**, **Se não agora, quando?** **Os afogados e os sobreviventes**. Também foi colaborador do diário de Turim, *La Stampa*, onde publicava seus textos, até poucos dias antes de sua morte em 1987.

Nas obras **É isto um Homem?** e **A trégua**, há a representação da fase histórica que se estende da Segunda Guerra Mundial até o seu término em 1945. Primo Levi sofreu as conseqüências do nazismo, foi perseguido e levado aos campos de concentração, onde vivenciou a barbárie:

Aqui estou no fundo do poço (...). Empurro vagões, trabalho com a pá, desfaleço na chuva, tremo no vento; membros ressequidos, meu rosto túmido de manhã e chupado à noite; alguns de nós têm a pele amarela, outros cinzenta; quando não nos vemos durante três ou quatro dias, custamos a reconhecer-nos (Levi, 1988 p. 35).

Nas obras de Primo Levi, há as impressões e as marcas que foram inscritas no seu corpo e na sua memória. Ele possuía uma ânsia desenfreada de comunicar, de falar, de escrever, porém sabia que era incapaz de comunicar o incommunicável e de dizer o que foi o

horror de viver em um campo de concentração. Em uma entrevista para Ferdinando Camon (1997), Levi comentou a sua necessidade de falar:

Depois do retorno de Auschwitz, eu tinha uma necessidade enorme de falar, encontrava aqui os meus velhos amigos e os enchia de histórias (...). Acredito ter sofrido um amadurecimento, tendo tido a sorte de sobreviver. Porque não se trata de força, mas de sorte: não se pode vencer com as próprias forças um campo de concentração. Fui afortunado: por ter sido químico, por ter encontrado um pedreiro que me dava de comer, por haver superado a dificuldade da língua; nunca adoeci, caí doente somente uma vez, já no final, e também isto foi uma grande sorte, porque evitei a evacuação do campo de concentração: os outros, os que estavam saudáveis, foram todos mortos, porque foram deportados para Buchenwald e Mauthausen, em pleno inverno.

Levi tinha a necessidade de falar porque teve a sorte de sobreviver, mas, muitas vezes, o seu relato era pontuado de silêncios, decorrentes da impossibilidade de verbalizar o ocorrido. O silêncio, o vazio e a solidão estavam entranhados no seu corpo e na sua memória. Pensa-se em como o sobrevivente poderia retomar a vida, sabendo que passou por uma experiência tão intensa e dolorosa, ou seja, depois do genocídio, os seus vínculos e os seus laços com o mundo real estavam dilacerados.

Adorno questionava se havia possibilidade de se fazer poesia depois de Auschwitz. E o próprio Levi em depoimentos afirmava que a poesia era resultado de duas mãos esquerdas. Com relação à imagem “duas mãos esquerdas”, pode-se pensar na impossibilidade de verbalizar a catástrofe. A escrita é quase morta. Só há mãos esquerdas, porque reflete a situação-limite em que se encontrava o escritor ao produzir poesia.

O que resta de um homem quando todas as condições da existência humana lhe são subtraídas? Será que há um discurso capaz de expressar essa realidade, sem distorcê-la ou banalizá-la? Seligmann-Silva (2000 p. 75) argumenta que “com a nova definição da realidade como catástrofe, a representação, vista na sua forma tradicional, passou, ela mesma, a ser tratada como impossível; o elemento universal da linguagem é posto em questão tanto quanto a possibilidade de uma intuição imediata da realidade”. Então, como expressar algo que vai além da nossa capacidade de imaginar e representar?

Ao se adentrar no universo de ruínas, que Levi foi testemunha, sentindo na pele a dor e vendo muitos irmãos morrerem de forma desumana, pode-se vislumbrar um outro

caminho para se entender a História: a história sob a ótica do vencido. Como salienta o historiador Roney Cytrynowicz (1999):

é preciso que cada documento da barbárie seja recuperado, estudado, criticado, entendido, conservado, arquivado, publicado e exposto, de forma a tornar a história uma forma presente de resistência e de registro digno dos mortos, muitos sem nome conhecido e sem túmulo.

Procurando entender essa outra versão da História, compreender-se-á o horror que reside no cerne da História do século XX e tentar-se-á sepultar os mortos. Os seus túmulos serão uma forma de resistência para que a catástrofe não mais se repita.

Conclusão:

Objetivou-se, com esse trabalho, uma pequena contribuição para que a História de Auschwitz não caia no esquecimento, uma vez que restam poucos sobreviventes. Na sociedade atual, as pessoas se envolvem demais com sua rotina, não se abalando com a barbárie que ainda se faz presente. Deve-se tentar lutar contra a barbárie, não tendo medo de enfrentá-la. Para isso, as armas são o conhecimento, sobretudo da História e das suas entrelinhas e lacunas. A História deve se revisitada, em especial a historiografia oficial, pois ela mostra somente um lado da moeda, o dos dominadores. A salvadora redenção estaria em escavar pacientemente o amontoado de ruínas e escombros do passado, tentando buscar o que nele foi esquecido e abafado. O propósito dessa revisão é tentar enxergar a História dos sem história, dar voz aos sem voz, isto é, tentar reescrever uma contra-história: a História dos vencidos.

Para lutar contra a dominação que se faz presente na sociedade, mesmo de forma camuflada, o historiador, o professor e o leitor deveriam exercer o papel de desafiar as representações pré-estabelecidas da História. Para isso, vale as leituras de teóricos, como Walter Benjamim, Theodor Adorno, Hannah Arendt, e as obra literária de Primo Levi e tantos outros sobreviventes, que descortinam a História, mostrando a crueldade e a desumanização da era nazista. A partir dessas leituras, pode-se escovar a História a contrapelo.

Referências Bibliográficas:

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BESANÇON, A. **A infelicidade do século**: sobre o comunismo, o nazismo e a unicidade a Shoah. Trad. Emir Sader. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CAMON, F. **Conversazione con Primo Levi**. Parma: Ugo Guanda Editore, 1997.

CYTRYNOWICZ, R. **Memória da barbárie**. A história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial. 2. ed. São Paulo: Nova Stella, 1991.

GAGNEBIN, J. M. A (im)possibilidade da poesia. **CULT** – Revista de Literatura Brasileira: São Paulo, 1999. Ano II n. p. 48-51.

HOBBSBAWN, E. **Era dos extremos**. O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **É isto um homem?**. Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

SELIGMANN-SILVA, M. A história como trauma. In: NETROVSKI, A & SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 73 - 98.

_____. A literatura do trauma. **CULT** – Revista de Literatura Brasileira: São Paulo, 1999. Ano II n. 23 p. 40 - 47.